

# MACUMBA É ISSO AQUI! O ENFRENTAMENTO AO RACISMO POR MEIO DE PROJETOS NA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE DA UNESP (UNATI) CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

*Macumba this here! Facing racism through projects at the university open to the third age of unesp (unati) são josé do rio preto*

*Macumba es esto! Afrontamiento al racismo por medio de proyectos en la universidad abierta a la tercera edad de la unesp (unati) são josé do rio preto*

**Bárbara Silva Madeira<sup>1</sup>, Fábio Fernandes Villela<sup>2</sup>**

## RESUMO

O artigo tem como finalidade compreender o preconceito racial existente no território caipira e seu enfrentamento por meio de círculos de cultura realizados com participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UNESP). Os dados utilizados para análise foram a produção textual dos participantes no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (VILLELA, 2014) e questionários aplicados através do Google Formulários na região do Noroeste Paulista a respeito do preconceito racial.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira; Educação de Jovens e Adultos; Círculo de cultura.

---

<sup>1</sup> Licencianda em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto.

## ABSTRACT

This paper aims to show the racial prejudice existing in the caipira territory and the response to it through circles of culture performed with participants of the Open University for Seniors (UNATI/UNESP). The analyzed data were the textual production of participants in the class blog Virtual Center for Studies and Cultures of the rural world (VILLELA, 2014) and questionnaires about racial.

**Keywords:** Afro-Brazilian Culture; Education of Young and Adults; Circle of culture.

## RESUMEN

El artículo tiene como objetivo comprender el prejuicio racial existente en el territorio caipira y su confrontación a través de círculos culturales realizados con participantes de la universidad abierta a la tercera edad (UNATI/UNESP). Los datos utilizados para el análisis fueron la producción textual de los participantes en el blog de la clase Centro Virtual de Estudios y Culturas del Mundo Rural (VILLELA, 2014) y cuestionarios aplicados a través del Google Formularios en la región de Noroeste de São Paulo sobre prejuicio racial.

**Palabras clave:** Cultura Afrobrasileña; Educación de Jóvenes y Adultos; Círculo cultural.

## INTRODUÇÃO

O artigo tem como finalidade abordar o tema racismo e seu enfrentamento por meio de projetos na Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp (UNATI). Nesse sentido, a obra trará objetivos, metodologias utilizadas, resultados e análises com base em bibliografias pré-selecionadas e na pesquisa-ação realizada nos anos de 2019 e 2020. A pesquisa-ação realizada com os membros da terceira idade da UNESP teve como temática a cultura afro-brasileira e a metodologia de círculos de cultura (MARINHO, 2009). Assim, trata-se de uma pesquisa importante para a atualidade, uma vez que é possível observar a forte presença do racismo nos dias presentes.

De acordo com Munanga (2003), inicialmente o conceito de raça foi utilizado apenas como forma de classificar as espécies, porém, a “população branca” utilizou tal classificação, nos séc. XVIII e XIX, como meio para justificar determinados comportamentos de forma generalizada, relacionando características físicas a características comportamentais, o que culminou no racismo. Como forma de combate ao preconceito racial, o termo raça foi substituído por etnia, porém o preconceito permaneceu de forma, muitas vezes, velada (NUNES, 2010).

Fernandes (2013) e outros pesquisadores mostram que o preconceito racial foi encoberto no Brasil, a fim de elevar o país a um nível de democracia exemplar para os demais países no contexto pós-guerra. Apesar dos estudos sociológicos que mostram a desmistificação da democracia racial, ainda é perceptível a existência de uma branquitude acrítica (GELEDÉS, 2011), bem como um preconceito sutil, perceptível nas entrelinhas dos dizeres cotidianos (NUNES, 2010).

É nessa perspectiva que se fazem necessárias a pesquisa realizada e ações práticas nela envolvidas, uma vez que são voltadas para a conscientização racial e para o protagonismo trazidos por Freire (1983). Para isso, após os encontros semanais com círculos de cultura e rodas de jongo, foram realizadas escritas no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural, a fim de preservar os escritos e compreender o processo de aprendizado dos participantes.

## OBJETIVOS

É em meio a tais problemas sociais na atualidade que se faz necessária a passagem da transividade ingênua para a transividade crítica, reconhecendo que todos somos produtores da história e que tudo é parte de um processo de construção (FREIRE, 1983). Nesse sentido, o presente traba-

---

<sup>1</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

lho apresentará uma pesquisa-ação realizada com membros da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UNESP), na qual foram feitos círculos de cultura semanais com duração de duas horas nos anos de 2019/2020.

Além do estudo sobre a temática afro-brasileira, a pesquisa teve como objetivo integrar os idosos à sociedade e ao meio digital por meio da produção de hipertextos no blog de aula e de atividades realizadas em outros espaços, como o Centro POP - centro de atendimento a moradores de rua.

## METODOLOGIA

Os círculos de cultura foram uma metodologia criada em 1960 por Paulo Freire, em Recife, como forma de diminuir o analfabetismo e as desigualdades sociais. Anos mais tarde, os círculos ganharam repercussão mundial, recebendo esse nome pela configuração espacial em que se encontravam educador e educandos. Paulo Freire parte da premissa para realizar os círculos de cultura de que todos têm conhecimentos diferentes, porém importantes, o que leva ao ensino por meio do diálogo e, por tanto, democrático (MARINHO, 2009).

Nesse sentido, a utilização dos círculos de cultura como metodologia de ensino para a pesquisa-ação foi importante pela abertura ao diálogo que estes proporcionam, tornando o tema racismo mais fácil de ser abordado. Esta metodologia também contribuiu para a pesquisa-ação e para a atividade do pesquisador observador participante, uma vez que foi criado um ambiente agradável, no qual houve a aceitação do pesquisador por parte dos demais integrantes, sem ressalvas (TOZONI-REIS, 2009). No decorrer da realização dos círculos, foram realizadas mudanças conforme as necessidades identificadas e o interesse dos participantes.

Os círculos de cultura também foram objeto de estudo de Marinho (2009), desde sua gênese até a constatação de sua versatilidade, tendo em vista que podem servir como metodologia de pesquisa, estudo e formação de professores. Esta mesma metodologia foi usada na Espanha por Chaib (2010) como meio de desmistificação da cultura erudita, mostrando que todos somos capazes de aprender. Chaib (2010) se utiliza de tal método voltando-se para o ensino-aprendizado de literatura e música clássica com adultos de baixa escolarização, por esta permitir a liberdade de expressão dos participantes sem que o foco seja diluído, uma vez que o professor mediador realiza perguntas orientadoras ao longo do aprendizado. Essas perguntas, por sua vez, não devem levar a um caminho

---

<sup>2</sup> Branquitude Acrítica é uma identidade racial branca que, estando em meio aos seus privilégios, acredita ser superior às demais identidades raciais.

pré-estabelecido, pois tiraria a dinamicidade desse tipo de atividade; devem, portanto, levar ao esclarecimento de dúvidas dos alunos.

Para a realização dos círculos de cultura destinados ao aprendizado de música clássica, ocorre a seleção de uma música que, além de tocar durante o encontro, será ouvida previamente pelos participantes para que estes possam elaborar comentários com base em suas experiências de vida, comentários esses que serão utilizados para argumentação e debate durante o círculo. Todas as opiniões serão consideradas de forma igualitária, avaliadas não pela posição de poder, mas pela validade dos argumentos (CHAIB, 2010).

Além disso, os círculos de cultura, por serem em formato de círculo, permitem trocas de olhares entre todos os participantes, inclusive o professor, o que estimula a curiosidade e o interesse do aluno. Por meio do olhar e escuta atenta, o professor pode “reconhecer tentativas conscientes e inconscientes de inviabilizar o discurso” (CHAIB, 2010, p. 43), possibilitando a construção e a realização das perguntas norteadoras.

A temática afro-brasileira foi trabalhada predominantemente por meio de músicas pré-selecionadas, que seguiam uma ordem cronológica de tempo, desde os jongs, até os sambas mais atuais. Nos círculos de cultura, que eram ao mesmo tempo rodas de samba, foram trabalhados diferentes aspectos e características culturais, como a melodia e ritmo por meio da percussão, do canto e das danças típicas e as letras musicais por meio do diálogo e do estudo sistematizado.

Como metodologia qualitativa para a pesquisa, foram realizadas leituras bibliográficas sistematizadas que culminaram em fichamentos, que são as anotações dos pontos mais importantes das obras, bem como das suas características de produção, ano, vida do autor e contexto social em que a obra foi publicada (TOZONI-REIS, 2009).

Foram produzidos diários de classe - anotações e apontamentos realizados ao final de cada aula - como ferramenta para constatar o que foi feito e possibilitar mudanças na elaboração dos círculos levando em consideração as dificuldades apresentadas pelos participantes, as necessidades de aprendizado e outras melhorias. Os diários possibilitam ao mediador do círculo, que neste caso também é professor em formação, aprender mais sobre sua atividade de docência.

Nesse mesmo sentido, foram realizadas escritas no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural como metodologia qualitativa, após os círculos de cultura, como uma ferramenta para uma maior compreensão do que foi sistematizado e garantir, assim como nos círculos, a colaboração, interação e participação de todos. Além disso, a escrita no blog possibilitou a

interação com o meio digital, que era um dos objetivos do projeto.

Ainda como metodologia, porém, agora, quantitativa, foi feita a produção de um questionário no Google Formulários, a fim de analisar o preconceito racial existente no Noroeste Paulista. Este questionário foi respondido pelos participantes da UNATI e compartilhado no meio digital, como os grupos Eletro Folk Orquestra do Facebook, o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (Nupe) do Whatsapp e outras redes sociais, como o e-mail.

Para que a metodologia contribuísse com a descoberta das hipóteses criadas, as respostas do questionário foram analisadas tendo como apoio o embasamento teórico bibliográfico. Segundo Thiollent, “por si só, o questionamento não contém todas as garantias de anti-empirismo. É no controle de sua articulação com a problemática teórica que tais garantias podem ser encontradas” (THIOLLENT, 1987, p. 25).

A análise dos resultados do referido questionário seria discutida ao final do projeto com todos os participantes, com a finalidade de fazer compreender a importância do resgate de saberes ancestrais em oposição ao branqueamento, bem como desmistificar a crença de que o preconceito racial não existe em nossa sociedade. Entretanto, devido à pandemia da COVID-19 as atividades foram suspensas e não houve a possibilidade de retomada por meios digitais devido à falta de preparo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O preconceito racial tem sua gênese muito tempo atrás, quando as condições de acesso ao trabalho e outros direitos humanos não foram devidamente assegurados, após a abolição da escravidão. Os negros ficaram às margens da sociedade entre o final do século XIX e a década de 30, quando se deu início à industrialização mais intensa e à procura maior por mão de obra nas cidades (FERNANDES, 2013).

Os negros permaneceram em situação de desigualdade, pois, apesar da crescente demanda por mão de obra, havia a concorrência com os imigrantes, que vinham, em crescente escala, “domesticados” e especializados, posto que os empregadores preferiam homens submissos e aptos a começar o serviço sem que houvesse a necessidade de serem ensinados (FERNANDES, 2013).

Os negros passaram a ser marginalizados em vários aspectos. Sem conseguir emprego nem ascensão social foram para as periferias das cidades, formando favelas, bem como para áreas rurais, onde passaram a viver de subsistência. É, então, que o preconceito existente no campo aumenta sua amplitude. Essa exclusão, no entanto, reflete em outras esferas sociais, como a educacional, trazida

por Fernandes (2013):

Na Bahia 70% da população é negra e ocupam 77% da posição de empregados contra 48% de empregadores. A mesma discrepância pode ser observada nos dados de formandos. Sendo que os mulatos mesmo sendo a maioria da população representam apenas 10% dos formandos contra 88% de formandos brancos. (FERNANDES, 2013, p. 71).

Para que nossa sociedade evolua e todos tenham equidade no acesso à educação e a outros direitos humanos, é necessário que os privilegiados deixem de praticar assistencialismo e pratiquem a verdadeira mudança social em conjunto com os oprimidos, de acordo com Freire (2018). Para o autor, é fundamental que a mudança ocorra dentro dos indivíduos:

Como explicar os altos níveis de fracasso entre estudantes de cor em sociedades que se consideram progressistas? É que tais sociedades apesar de se pensarem e se proclamarem progressistas e de até possivelmente contarem com um sistema de leis antidiscriminatórias, quase nunca aplicado com equidade, não foram ainda capazes de ‘morrer’ como racistas e ‘re-nascer’ enquanto democráticas. (FREIRE, 1994, p. 226).

O negro que ascende socialmente continua às margens das relações sociais: entra no mundo dos brancos, porém, permanece excluído da sociedade em acontecimentos como a não permissão de entrada no clube, a falta de retribuição de gentileza ou até mesmo a falta de um convite para uma festa do trabalho. Os seus companheiros antigos (negros) já não pertencem ao seu mundo e se distanciam ao invés de se unir (FERNANDES, 2013).

Com o rompimento das relações sociais entre os negros, a cultura afro-brasileira vai sendo enfraquecida; já não se reconhecem mais os valores e costumes até então cultuados; não se reconhece mais a importância dos saberes ancestrais dentro de rituais trazidos pelos mais velhos ou por representantes históricos como Mestre Moa do Katendê (ANDRADE, 1937). Esse fato é perceptível por meio da cultura de embranquecimento presente em nossa sociedade, na qual os negros devem se comportar, pensar e agir consoante a cultura predominante e imposta pela branquitude.

---

<sup>3</sup> Romualdo Rosário da Costa, mais conhecido como Mestre Moa do Katendê, foi um compositor, percussionista e mestre de capoeira que criou o Badauê e trouxe uma grande influência para os afoxés.

O que eles fizessem de excepcional não beneficiava a sua ‘raça’, era tido como algo que traía a influência ou a herança psicobiológica e social do branco. Dizia-se, a respeito deles: ‘negro de alma branca’, ‘negro só por fora’, ‘é branco por dentro’, ‘nem parece negro’ etc. Simultaneamente, se falhassem diante de alguma expectativa, frisava-se: ‘logo se vê, negro quando não suja na entrada, suja na saída’, ‘não se pode esperar outra coisa de um negro’, ‘é negro mesmo’ etc. (FERNANDES, 2013, p. 128).

Segundo Florestan,

Desde a infância, o negro é modelado para viver nesse mundo, como se não houvesse diferenças entre negros e brancos; mas as portas fecham-se diante dele, quando tenta atravessar os tortuosos corredores que conduzem a tal fim. (FERNANDES, 2003, p. 225).

Nessa perspectiva, é notória a importância da reconstrução histórica da cultura, uma vez que a cultura afro-brasileira vai tomando novas formas ao longo do tempo por inúmeros fatores, como os trazidos por Souza (2007) e Andrade (1937). Entre eles, estão a decadência do samba rural paulista, por ser julgado de modo pejorativo por padres, polícia, etc., assim como a influência da urbanização, dos imigrantes, do samba carioca por volta dos anos 30, a intolerância da igreja a festas, como Bom Jesus de Pirapora, a repressão das manifestações negras e o fato de meios de comunicação, como o rádio, se iniciarem no Rio de Janeiro. O samba ganhou como característica a expressão musical das ruas, porque foi proibido de ser realizado em galpões. Apesar de popular, o samba começou a ganhar caráter burguês e excludente quando passou a ter desfiles com roupas e temas pré-definidos. Na década de 70, o samba passa por novas transformações, ganhando um caráter burguês e, dessa vez, erótico.

Ainda com relação ao racismo, pode ser constatado que muito do que se fala atualmente tem origem nas classes hegemônicas da sociedade, como o termo Macumba. Segundo Geledés (2014), macumba é o nome de uma árvore africana que, posteriormente, foi utilizado para nomear um instrumento parecido com o reco-reco. No entanto, a branquitude acrítica, sem o verdadeiro conhecimento sobre a cultura africana e, principalmente, sobre sua religiosidade trazida ao Brasil, utiliza a nomenclatura para associá-la, de forma pejorativa, a rituais afro-brasileiros (Cf. VILLELA; MADEIRA, 2019).

Como vimos, os anos após a abolição se passaram e o preconceito e a desigualdade socio-econômica permaneceram, ainda que encobertos por discursos moralistas e punições religiosas.



Podemos perceber, assim, por meio de pesquisas já produzidas e por meio do questionário sobre discriminação racial encaminhado a habitantes do Noroeste Paulista, utilizando-se de plataformas digitais e redes sociais como o grupo Eletro Folk Orquestra do Facebook, grupos de WhatsApp, como o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (Nupe), o Coral Percussivo Banduka, o Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), entre outros, que o tema é deixado em segundo plano, é marginalizado. Marginalizado, porque, muitas vezes, o preconceito não é visto por estar demasiadamente enraizado, aparecendo de modo sutil. Como nos traz Nunes (2010), trata-se de um preconceito que está presente sem que seja notado por muitos. Para enfatizar o problema social que é o racismo, Fernandes afirma: “se a sociedade brasileira fosse menos indiferente à ‘questão racial’ o protesto negro provocaria profunda comoção nacional” (FERNANDES, 2013, p. 212). Trata-se, portanto, de um tema atual e de profunda importância, uma vez que a história é marcada por diversos protestos em prol da igualdade.

No questionário, citado anteriormente, quando perguntadas sobre sua cor, 4 pessoas de um total de 96 entrevistados disseram ser de cores impossíveis ao ser humano. Uma vez que a cor de pele não é tida com respeito em um questionário, podemos concluir que o mesmo ocorre diariamente na sociedade. Outros dados que comprovam a continuidade do preconceito ao longo do tempo são, por exemplo, o uso de termos ofensivos, como “a cor do pecado”, “a coisa ta preta” e “inveja branca” pela maioria dos participantes do questionário, representando 61,4%. Na sequência, as falas são transcritas exatamente como as originais.

O preconceito é nítido quando observamos falas como a seguinte em resposta à pergunta *Em Chicago os negros representam 68% das mortes da cidade e mais de 50% dos casos de Covid-19, mas representam apenas 30% da população total da cidade. Você considera o fato apresentado uma consequência da discriminação e desigualdades sociais?:* “Sem chance não tem como dizer que o é racista deve estar morrendo mais negros devido ao fato de o vírus estar propagando na aquela região q residem”.

Se os negros correspondem a 30% da população de Chicago e 50% dos contaminados pela Covid-19 são negros, é porque eles se contaminaram mais que os brancos. Conforme o exposto, cabe dizer também que os negros tiveram menos acesso à higienização necessária para a prevenção da doença, bem como leitos hospitalares, uma vez que correspondem a 68% das mortes na cidade.

Apesar dos dados apresentados até então, são perceptíveis as mudanças que vêm ocorrendo na conscientização das pessoas, pois podemos observar as respostas ao questionário no que se refere à utilização de expressões de cunho racista: “Infelizmente sim”, “Não mais” e “Utilizei, fico constrangida por ter utilizado”.

Esse processo de mudança de concepções e hábitos é lento e contínuo, não ocorrendo sem que as pessoas sejam questionadas e levadas a refletir sobre suas práticas. É nesse contexto que o projeto *Coral Percussivo Banduka: Trabalhando com Música e Tecnologias. Incluindo o Idoso na Era Digital* (cf. VILLELA, 2019), projeto de extensão da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), tem seu papel fundamental no processo de conscientização e tomada de decisão na sociedade. Apresenta essa nomenclatura *Banduka* por ser uma palavra de origem africana, mais especificamente do quimbundo, que significa “livre” (cf. VILLELA, 2019a).

O objetivo do projeto não é formar um coral percussionista profissional, mas, sim, por meio da música e suas origens, levar a uma maior compreensão acerca do samba paulista e seus ritmos antecessores, como o Jongo. O Coral Percussivo Banduka é caracterizado como livre, por apresentar uma abertura maior no modo como são manuseados os instrumentos uma vez que o público-alvo é a terceira idade e que estes apresentam maiores dificuldades motoras.

No projeto são realizadas escritas no blog de aula, representando a superação de dificuldades por parte dos idosos. Em determinados momentos, faz-se necessário o uso da escrita em papel para, posteriormente, fazer a escrita no computador. Os conhecimentos adquiridos semanalmente são de extrema importância para a melhoria nas atividades diárias, considerando que, segundo Silveira:

O avanço da tecnologia, somado às dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações, causa impacto em todas as gerações e, em especial, na velhice. Bens tecnológicos de última geração contrastam com a miséria, pois o não-acesso a esses bens remete à exclusão e ao isolamento social. (SILVEIRA, 2010, p. 5-6).

Atualmente, a terceira idade vem apresentando uma conquista maior de espaço na sociedade, seja com o aumento no número de atividades voltadas para a classe, seja com a aquisição de mais respeito. Nesse sentido, “envelhecer, por muito tempo significou viver excluído da sociedade e ser um peso para a família. Nos últimos anos, com o avanço da ciência e da medicina, esta etapa da vida começa a ser vivida com mais qualidade” (SILVEIRA, 2010, p. 5).

O Coral Percussivo Banduka além de ter um olhar cuidadoso para com a terceira idade durante as atividades semanais, também proporcionou momentos de maior visibilidade para a terceira idade. O coral foi convidado a apresentar suas atividades no final do ano, juntamente com outras

atividades realizadas pela UNATI. Além dessa apresentação de muita gratificação, o Coral também foi convidado a se apresentar no Centro POP de São José do Rio Preto, uma experiência única em que os participantes do projeto se sentiram gratos por poderem levar seus conhecimentos adiante.

O projeto traz como base para sua realização os círculos de cultura de Paulo Freire. Apresentam, portanto, um diálogo crítico, sem desconsiderar as vivências de cada indivíduo. Por meio desse diálogo, são trabalhados conhecimentos ancestrais sobre a cultura afro-brasileira, mais especificamente seus aspectos musicais, conhecimento necessário para o combate ao preconceito, uma vez que este é fruto da ignorância sobre determinado tema, acontecimento, etc. O diálogo, segundo Marinho é um meio em que se aprende

[...] a ouvir o outro, a posicionar-se, a tratar conflitos de interesses entendendo suas origens sejam elas sociais, políticas, afetivas, econômicas, étnicas ou outras. O diálogo aqui auxilia, também, na construção de alianças e na identificação de parceiros. (MARINHO, 2009, p. 85).

Os vínculos são de extrema importância tanto para a vida dos idosos quanto para a pesquisa e o ensino. Quando os participantes começam a se sentir em um ambiente familiar, apresentam uma facilidade maior para se abrirem e, com isso, relatam preconceitos vivenciados ou presenciados, conhecimentos historicamente acumulados etc. Portanto, concluímos que

A dialética não dá ‘boa consciência’ a ninguém. Sua função não é tornar determinadas pessoas plenamente satisfeitas com elas mesmas. O método dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que ainda não é. (KONDER, 1981, p. 84 apud MARINHO, 2009, p. 78).

Uma vez que os círculos de cultura têm como base o coletivo, seja na elaboração de um tema em comum ou na promoção de diálogos, Marinho aponta que:

A cosmovisão carnavalesca ajuda Dostoiévski a superar o solipsismo tanto ético quanto gnosiológico. Uma pessoa que permanece a sós consigo mesma não pode dar um jeito na vida nem mesmo nas esferas mais profundas e íntimas de sua vida intelectual, não pode passar sem outras consciências. O homem nunca encontrará sua plenitude em si mesmo. (BAKHTIN, 2002, p. 180 apud MARINHO, 2009, p. 96).

Como base no que os círculos de cultura promovem na atualidade, temos o artigo produzido por Chaib (2010). Nele, o autor traz os círculos de cultura realizados na Espanha como forma de promover o conhecimento para aqueles que a ele não tiveram acesso até então. Como exemplos, aponta o ensino da música erudita e a literatura clássica por meio dos conhecimentos prévios dos participantes, como a percepção auditiva do chilrear dos pássaros, para que estes percebam que o conhecimento, até então classista, é possível de ser aprendido, considerando que todos têm capacidade de adquiri-lo. Assim, com a aquisição de capital cultural, torna-se possível seguir suas próprias convicções em vez de se submeterem ao que as classes economicamente favorecidas impõem.

A respeito dos círculos de cultura utilizados no projeto, temos o exposto por Linhares e Dantas (2014). Para as autoras, todos os participantes nos círculos são detentores do saber e toda a forma de conhecimento deve ser respeitada, tendo em vista que neles são discutidos problemas em comum. As autoras explicam, ainda, no que consiste o verdadeiro objetivo dos círculos:

O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A Problematização representa um momento decisivo da proposta e busca superar a visão ingênua por uma perspectiva crítica, capaz de transformar o contexto vivido. (LINHARES, DANTAS, 2014, p. 2-3).

A intenção do educador jamais pode ser a de impor determinados conhecimentos, mas de construir uma ponte que leve o educando a refletir sobre todas as possibilidades existentes.

Convencer, para um autoritário, é passar uma esponja na possibilidade de duvidar. Convencer, para um educador radicalmente democrático, é jamais passar a esponja em nenhuma possibilidade de dúvida. Em lugar do imobilismo que as certezas demasiado certas quase sempre provocam, o que se pretende nesta postura substantivamente democrática é estimular a incerteza como caminho de ganhar a certeza. (BETTO, FREIRE, 1988, p. 76).

Como modo de trabalhar o que é a cultura afro-brasileira nos círculos de cultura, foram realizadas rodas de música, como o samba paulista, o jongo e outros, com base na dissertação de mestrado de Souza, na qual o autor discorre:

Os grupos aqui focados ao realizarem suas rodas de samba com temas, espaços e tempos fixados para essas atividades, vêm demonstrando um processo não só de transmissão mas de reelaboração dos saberes acessados pela busca sistemática da memória que passa a ser transmitida e coletivizada. (SOUZA, 2007, p. 34).

Assim como a experiência trazida por Santos (2010), o Coral Percussivo Banduka também utilizou músicas que possibilitaram uma ampla abertura ao diálogo em virtude das suas letras, que remetem ao passado histórico. Santos (2010) expõe de forma objetiva que

Trabalhar com músicas em sala de aula é uma forma de ir além das palavras, acessar a emoção e a sensibilidade, pois todos são levados a interpretá-las a partir de seus próprios sentimentos. Essa atividade interpretativa permite que o educando partilhe, com os demais educandos e com o educador, questões subjetivas inerentes à sua identidade (as quais a música tornou aparente), fator que transforma a aula em uma rica troca de experiências. (SANTOS, 2010, p. 18-19).

Entre as músicas escolhidas para se trabalhar no projeto, destacam-se: “Saracura”, jongo de Darcy Monteiro; “As baratas”, ponto de visaria de Darcy Monteiro; “Cangoma”, de Clementina de Jesus, entre muitas outras. Como ponte entre as músicas mais antigas e mais recentes, ou de maior conhecimento pelos participantes, como forma de mostrar que os ritmos permanecem atualmente, foram escolhidas as músicas “Anunciação”, de Alceu Valença, e “Batuque na Cozinha”, de Martinho da Vila.

A música “Saracura” faz referência à senzala e ao tempo de escravidão, além de fazer referência, ainda, ao jongo, por meio da estrofe “um jogueiro sentia falta do caxambu”, com a qual foi possível trabalhar a nomenclatura dos instrumentos utilizados no Coral Percussivo. A música “Cangoma” também permitiu voltar aos tempos de abolição da escravidão, pois em seu refrão “Tava durumindo cangoma me chamou, disse levanta povo cativo já acabou”, vemos uma comemoração com o uso da cangoma, instrumento percussivo, ao se declarar o fim da escravidão, o “cativoiro” trazido pela música. Por fim, foi discutida a música “As baratas”, canção de tamanha sutileza ao dar duplo significado ao termo baratas.

A música “Anunciação” foi de grande impacto para todos os participantes por ser atual e apresentar o mesmo ritmo de músicas afro-brasileiras de tempos mais distantes. Os participantes também gostaram da música “Batuque na cozinha”, que, além de já ser conhecida, traz uma situação diferente do que ocorre em uma cozinha. Foi uma boa escolha de samba, pois, além da melodia trabalhada, foi uma oportunidade de analisar a letra com um outro olhar.

São estes conhecimentos e muitos outros que não devem passar despercebidos, mas serem resgatados, como forma de conhecer o passado, possibilitar identificação com o seu país e extirpar preconceitos enraizados. Segundo Freire (1983), a humanização do ser humano é alcançada por meio do conhecimento e da passagem da transitividade ingênua para a transitividade crítica. Assim, dentro de uma perspectiva histórica, ele deve se sentir parte produtora dos acontecimentos sociais:

A recusa do homem como ser fabricante da cultura implicaria a continuidade da cultura do silêncio, a submissão e a perpetuação da subalternidade naquele contexto brasileiro. Esse processo, segundo Freire, estaria ligado à extrema dependência sócio-político-econômico-cultural, à qual o país havia se submetido ao longo de toda sua trajetória. (MARINHO, 2009, p. 37).

O Coral Percussivo Banduka também é um ato político, na medida em que muda as percepções dos participantes envolvidos e, por consequência, das pessoas que estão em seus ambientes de convívio. É através do ensino-aprendizagem sobre a cultura afro que passamos a tratá-la de forma igualitária, com respeito (FREIRE, 1994).

Como forma de análise e constatação ou refutação do exposto até então, foi utilizada uma metodologia qualitativa, por meio da análise de textos produzidos pelos participantes do Coral Percussivo Banduka no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (VILLELA, 2014), cujo objetivo inicial foi criar um espaço virtual para desenvolver tópicos na área de educação cooperativa com alunos de ensino fundamental e médio.

Por meio da escrita no blog de aula, foi possível perceber a construção do conhecimento sistematizado oriundo dos círculos de cultura realizados antes da escrita, mais especificamente, o círculo de cultura cuja temática principal foram os afoxés e o Mestre Moa do Katendê. O quadro exposto abaixo foi produzido pelos participantes do projeto após a análise e discussão coletiva do

documentário do Mestre Moa do Katendê, uma figura histórica de extrema importância para a cultura afro-brasileira.

### **Escrita no blog nº1**

#### **Participante A 20/03/11 16:23**

A morte de mestre Moa foi uma grande perda pra nossa cultura. Ele ressaltou muito bem nos carnavais o afro ritmo no Brasil. Quanto ao seu assassinato, percebemos o nível de intolerância cada vez maior nos seres humanos. Muito triste!!

#### **Participante B 20/03/11 16:26**

Já tinha ouvido falar do mestre Moa, mas não tinha a noção da importância dele para a cultura baiana. Conhecer a história do mestre Moa foi importante para valorizar ainda mais a cultura dos negros ligados aos afoxés.

#### **Participante C 20/03/11 16:29**

A aula foi riquíssima, nos trazendo um lado da cultura brasileira mais centralizada no Nordeste, de grande importância cultural para o Brasil. O conhecimento do mestre Moa que foi o fundador do afoxé badauê. A aula acrescentou muito naquilo que se refere à cultura afro-brasileira apesar de conhecer ritmos, grupos e músicas africanas, o mestre Moa vem trazer algo a mais. Foi lastimável a sua morte.

#### **Participante D 20/03/11 16:31**

Mestre Moa foi um grande expensor da cultura afro baiana fazendo assim ser conhecida em todo o Brasil e no exterior com suas criações da cultura negra baiana.

A escrita no blog de aula demonstra um processo de reflexão individual e coletivo, haja vista que permite a expressão de cada um, bem como a observação, análise e discussão do aprendizado dos demais participantes. Ao analisarem e discutirem as músicas afro-brasileiras, os participantes foram passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, como podemos perceber na fala do participante B: “Já tinha ouvido falar do mestre Moa, mas não tinha a noção da importância dele para a cultura baiana”. Além disso, traz com clareza a importância de conhecer, de modo

mais aprofundado, a gênese dos afoxés e, a partir desse conhecimento, “valorizar ainda mais a cultura dos negros ligados aos afoxés”.

Por meio dessa fala constatamos a retomada de conhecimentos ancestrais dissipados com o processo da cultura de branqueamento, como a decadência do samba rural trazido por Mario de Andrade (1937). Esse mesmo processo de aprendizado e conscientização, presente na fala do participante B, também pode ser percebido em um pequeno trecho da fala do participante C: “A aula foi riquíssima, nos trazendo um lado da cultura brasileira mais centralizada no Nordeste, de grande importância cultural para o Brasil”. Podemos perceber, ainda, a existência de um conhecimento prévio ao círculo de cultura em: “a aula acrescentou muito naquilo que se refere à cultura afro-brasileira apesar de conhecer ritmos, grupos e músicas africanas o mestre Moa vem trazer algo a mais”.

Junto aos círculos de cultura foram elaborados diários de classe após os encontros, como meio de garantir a preservação dos diálogos propostos e mediados. Por meio destes, foi possível fazer reflexões sobre as práticas efetuadas, garantindo mudanças necessárias conforme as dificuldades apresentadas. Isso inclui, por exemplo, a escolha de músicas mais ou menos vibrantes conforme a agitação e disposição dos participantes.

Nesses diálogos, anotados nos diários de classe, está presente um depoimento que relata comportamentos existentes na atualidade e que marcam de forma cruel a vida de quem os presencia. A fala “Você tem farinha de macumba na cabeça”, trazida por um participante, é importante na construção de novas identidades, uma vez que, ao ouvirem-na, os novos integrantes do grupo mudaram sua concepção a respeito da existência do preconceito na atualidade, pois acreditavam que a discriminação era apenas coisa do passado.

É por meio desses conflitos entre concepções pré-concebidas e novos saberes que as pessoas amadurecem seu pensamento e levam adiante novos conhecimentos. Outro apontamento realizado no diário de classe consiste na mudança de percepção sobre o que é macumba. Quando o professor mediador traz a origem da palavra, é perceptível a mudança de postura, olhar e prosseguimento do diálogo.

Além de saberes sistematizados que têm por consequência a diminuição do preconceito racial e racismo estrutural<sup>4</sup> (GELEDÉS, 2020), os círculos de cultura proporcionaram saberes históricos

---

<sup>4</sup> Racismo estrutural é um tipo de preconceito que usa a meritocracia para desresponsabilizar aqueles que de alguma forma contribuem diariamente para a permanência de uma mesma posição social dos subalternos para que a sua não seja alterada e principalmente prejudicada.



que possibilitam às pessoas verem sua vida com outro olhar, um olhar que questiona os porquês e as origens de nossa cultura e, principalmente, nos faz ver como somos produtores do que temos à nossa volta, nossa capacidade de transformação. “Uma pessoa politizada é aquela que passou da percepção da vida como mero processo biológico para a percepção da vida como processo biográfico, histórico e coletivo” (BETTO, FREIRE, 1988, p. 61).

Florestan (2013) ressalta a importância de se fazer uma conscientização, mas aponta que esta não é suficiente:

A consciência social é ‘esclarecida’ pela investigação sociológica, mas nem por isso ela se propõe o imperativo de uma transformação radical da realidade. Isso significa, na verdade, que as forças sociais empenhadas na democratização das estruturas raciais da sociedade brasileira ainda não são nem muito fortes nem muito organizadas. (FERNANDES, 2013, p. 195).

Uma vez que medidas práticas devem ser tomadas para que a mudança ocorra de fato, o projeto realizado com a Terceira Idade no Noroeste Paulista apresentou ações práticas e reflexivas como os círculos de cultura e escritas no blog de aula. Por meio destes foi possível realizar o resgate de saberes ancestrais como a umbigada e o ritmo jongo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com toda a explanação trazida ao longo do artigo, é notório que o racismo no Brasil aparenta uma estrutura feita para benefício de uns e exclusão e subalternização de outros, sendo denominado mais atualmente de racismo estrutural. Desse modo, faz-se necessário trazer o lugar de fala em que se encontra o produtor da pesquisa e do artigo: trata-se da perspectiva de um pesquisador observador comprometido com a sociedade em que vive e que constata as desigualdades sociais, injúrias e difamações presentes em sua região de trabalho.

O preconceito racial no Brasil, e mais especificamente no interior do Estado de São Paulo, é uma prática enraizada que deve ser extirpada por meio da aprendizagem. Quando o cidadão aprende um determinado assunto de forma crítica, ele transita de um conhecimento massivo para um conhecimento elaborado que permite um novo olhar para com a sociedade.

Um ponto a se ressaltar no projeto enquanto à transição de conhecimentos foi a escolha das

músicas a serem trabalhadas com a terceira idade, com letras cujos significados permitiram a abertura ao diálogo, pois remetiam ao passado e à história de vida dos participantes.

Esse compartilhar e trocas de experiências a respeito do racismo também foi possível pelos vínculos criados durante o projeto entre o professor mediador e demais participantes, por meio de trocas de experiência, acolhimento e parceria. O projeto de extensão foi fundamental para a formação tanto dos participantes como do professor mediador, que, uma vez imerso nas práticas de ensino-aprendizagem, pôde compreender melhor o método de Paulo Freire e como se dão os círculos de cultura, bem como conhecer mais sobre a cultura de seu país.

O estudo sobre a cultura afro-brasileira foi importante para o resgate de conhecimentos ancestrais que foram se perdendo ao longo do tempo, como a própria estrutura das rodas de capoeira, nas quais o conhecimento do mestre é de fundamental importância. Trata-se de conhecimentos que serão repassados para filhos, netos e bisnetos, contribuindo, dessa forma, para a formação de uma sociedade na qual todas as gerações sejam mais bem informadas.

O projeto, ainda, trouxe conhecimentos de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por meio da escrita no blog de aula. O conhecimento não deve ter limites e não há idade para se aprender, e é nessa perspectiva que os idosos tiveram todo o apoio durante as atividades de escrita. Toda atividade de informática é um caminho para a inclusão digital do idoso, que apresenta maiores dificuldades com o manuseio de aparelhos eletrônicos e outras atividades diárias, como a utilização de caixas eletrônicas em bancos (Kachar, 2003 apud Silveira, 2010, p. 3).

Apesar dos pequenos avanços que podemos observar em nossa sociedade, não podemos ter os moldes atuais como perfeitos e parar de lutar pelos direitos. O racismo permanece à medida em que as pessoas se tornam apáticas aos seus semelhantes, pois somos iguais dentro de nossas diferenças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mario de. O samba rural paulista. **Separata da Revista do Arquivo Municipal n. 41**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0201/1135.html>. Acesso em: 11 set. 2017.

BETTO, Frei.: FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

CHAIB, D. Music listening circles: Contributions from development education to democratizing classical music developments. **Policy & Practice: A Development Education Review**, Centre for Global

Education, University Street, Belfast, vol. 10, Spring, 2010, p. 42-58. Disponível em: <https://www.developmenteducationreview.com/issue/issue-10/music-listening-circles-contributions-development-education-democratising-classical>. Acesso em: 08 jul 2020.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 1.ed. digital. São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GELEDÉS. Definições sobre a branquitude. **Geledés Instituto da Mulher Negra**. Net, São Paulo – SP, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoessobrebranquitude/?fbclid=IwAR3KHYmiVCtFQ4rqi4SPwEpICLCQi2WEHvVjspm8uqrwDuZLjYAufPhZYSE>. Acesso em: 08 jul 2020.

GELEDÉS. O que é macumba. **Geledés Instituto da Mulher Negra**. Net, São Paulo – SP, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-macumba/>. Acesso em: 04 maio 2019.

GELEDÉS. Racismo estrutural no Brasil. **Geledés Instituto da Mulher Negra**. Net. São Paulo – SP, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-estrutural-no-brasil/>. Acesso em: 30 Julho 2020.

LINHARES, A. M. B.; DANTAS, V. L. Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. **Segundo Caderno de Educação Popular em Saúde**. 1. ed. Brasília: Editora MS, 2014, v. 2, p. 73-80.

MARINHO, Andrea R. B. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. 2009. 125p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 14 set. 20.

NUNES, S. S. **Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.

SANTOS, S. R. ALVES, R. C. A música como instrumento para o letramento de jovens e adultos. In: CAMARGO, M. R. R. M. (org.) *et al.* **Educação de Jovens e Adultos: Fronteiras entre experiências e saberes**. PROEX São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 15-26.

SILVEIRA, M. M. *et al.* Educação e inclusão digital para idosos. **CINTED-UFRGS** V. 8 Nº 2, julho, 2010.

SOUZA, Eduardo Conegundes de. **Roda de samba: espaço da memória, educação não-formal e so-**

ciabilidade. Dissertação de mestrado. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. 2009.

VILLELA, F. F. **Cultura Ambiental na Educação do Campo: trabalhando com paisagem, saberes tradicionais e música folk com a juventude do território caipira** In: SPIGOLON, Nima I. *et al.* Tambores, urucuns e enxadas: práticas e saberes contribuindo para a formação humana. 1 ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2019<sup>a</sup>, v.1, p. 542-560. Disponível em: <[https://asebabaolorigin.files.wordpress.com/2019/11/tambores\\_urucuns\\_enxadas.pdf](https://asebabaolorigin.files.wordpress.com/2019/11/tambores_urucuns_enxadas.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2020.

VILLELA, F. F.; MADEIRA, B. S. **Macumba é isso aqui! Trabalhando com Música e Tecnologias, Pesquisando Preconceitos no Território Caipira**. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/Reitoria/CNPq/UNESP 2019/2020 EDITAL 04/2019 – PROPe. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / UNESP / 2019.

VILLELA, F. F. **Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural**. (Projeto de Extensão – Proex – Unesp). Net, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <<http://www.cecmundorural.com.br>>. Acesso em: 28 mai. 2020.